

Feminismos bastardos.

Feminismos tardios.

Abortar o Estado heteropatriarcal.

Cristina Ribas

@laranja108

Eu sou a puta que pariu.

Eu sou a puta aborteira que pariu e que sabe muito bem cuidar, e também negar cuidado.

Eu sou a puta que pariu corpos livres.

E como aprendi com *Ni Una Menos* da Argentina. *Eles* são os filhos doentes do patriarcado. Mal paridos pelo patriarcado.

Imagine que este texto seja uma colagem.¹ De muitas vozes e muitas vidas. Algumas subsumidas, algumas achatadas. Algumas que se associam a outras que se pronunciam. Este texto é uma colagem. Aliás, leia esse texto com os contratempos e os infratempos e as sínopes dos tempos de um processo não linear, caótico e assustador da instituição da merda patriarcal. Heterocapitalista, machista, racista e misógina. Ou, em vez de merda, podemos dizer instituição do 'pão com leite condensado' heteropatriarcal. Afinal, a mais recente instituição assim o é também. A nova versão de 'pão com leite condensado' (pra quem não sabe, um bando de homens se masturbando ao redor de um punhado de pães...) segue o golpe que retirou Dilma do poder, e segue o golpe a cada dia.

Esse texto se escreve com os tempos de uma maternidade, de alguns abortos, e de estupros, estupros coletivos inclusive, de feminicídios e de apologias à violência de inúmeras formas, e de violência real, e de... muitos protestos, tuítes, hashtags, tomadas das ruas, rituais afro-ameríndios, peitos de fora... choros, novos enunciados. Uma eleição. E um golpe, já mencionado. E ah! Uma prisão. Exemplar. Histórica. Ideológica. Polícia política. #Elenão #Elesnunca. O tempo da escrita é um tempo que pode coincidir com o seu. Tempos que podem causar (n)uma mulher. E uma mulher que lê outras mulheres. Mulheres puta, puta-mulheres. E que conversa com elas partejando transfeminismos. Partejando feminismos transversais. Texto que vem querendo arrebrantar a (aparente) indeterminação e a sexualidade imposta a *um* feminismo. Feminismo(s) que tem que ser, antes, pelo contrário, não branco, não classista, não heterossexual. Texto de mulheres-trans e transvestigêneres (como diz Indianare Siqueira), que amamentam suas filhas, que acolhem suas companheiras, e que abortam com elas. Abortam também o estado em seu corpo. De seu corpo. Abortam para parir estados pretos. Novas sementes, sementes de Marielle.

Imagine que há homens ao redor. Claro. Você mesmo leitor talvez seja homem. Evidente que há homens ao redor. E eles estão representados, de novo, lá no lugar que nos é tomado, *de novo*, como violação da realidade e da política mesma, e, sobretudo, como reafirmação dessa distância, dessa alienação. *Eles* tornam-se representantes. Mas do quê? Política, como eles reiteram, não é lugar para mulheres. Nem para negras, nem para

¹ Texto em versão 2.0 conforme publicado em formato cordel pela editora N-1 (São Paulo, 2019).

pobres. É a partir do governo *desses* homens – e da impossibilidade que habitemos com eles espaços de representatividade, e espaços comuns, que esse texto é escrito.

Em 2018, nas campanhas para as candidaturas políticas, o corpo do outro se tornou o corpo do diálogo impossível onde morriam meu afeto e mesmo minha capacidade de escuta (aliás, o que é a escuta no sistema do não diálogo?). Antes de reforçar o outro como já intocável, antes de querer endereçar aquele que já se cristalizou *lá* naquela forma, que é o corpo daquele que se constitui ao modo semiotizado pelo conservadorismo fascistoide (e há mesmo fascistas autointitulados!), eu queria poder falar a partir de modos em passagem, de modulações, de alguma coisa que se mistura, e se arranca, para produzir a si, fora de certas capturas.

Pura mutabilidade. Pesquisa de modos, atravessamentos, travessias. Nos feminismos, me parece, gêneros devem ser pensados em passagem e em processo, gêneros em risco e em caminho de transformação. A partir de minha travessia, me coloco um enunciado perigoso: só valem feminismos se forem bastardos. Se insurgirem de nossas corpas, de nossos modos de vida. Valem os feminismos se forem atritar a borda da própria produção de gênero e da força que imprime sobre nós, sobre todas nós, ‘a família como projeto’, o modo de vida conservador como norma. Queremos vidas negro-branco-índias-periféricas-subalternas-resistentes, vidas... Só valem feminismos se conseguirem perfurar uma autodeterminação endógena (que fecha o movimento em si mesmo), rompendo pouco a pouco a conversa entre nós mesmas, abrindo novas linhas de conversação, também para romper com a pragmática que polariza (ineficazmente) um modo contra o modo ‘deles’. O modo deles, ou eles mesmos, por sua vez, se tornam o poder que se miscigena majoritariamente com o Estado. Estado-controle-tutelar. Essa macheza intragável. Só valem feminismos se forem esgarçar a produção de análises do heteropatriarcado historicamente, atualizando a expressão que tomam nos novos poderes, tal como se diz na literalidade de ‘heterocapitalismo’.

Trabalho duplo das mulheres, digo há algum tempo, e dizem muitas comigo e eu com elas. Afinal, #VamosJuntas. Seriam os feminismos delegados à mulher como mais um ‘serviço’ a prestar? Mais um serviço não pago? Trabalho duplo das mulheres de estudar o plano heteropatriarcal, misógino, conservador e fascista e ainda assim inventar mundos para si, ético-cuidadosos, proliferantes de vida, para poderem agir, para existirem nas suas singularidades. Por isso só valem feminismos que puderem enxergar seus próprios limites e seus próprios modos de controle, aportando também a si, como movimento, na sua mutabilidade como movimento, de modo a endereçar e enfrentar a cristalização de um plano – desse plano de governo sobre nossas vidas – e destituí-lo. Feminismos que movem a si, processualmente, paulatinamente, bucataticamente. Me pergunta um amigo-homem: *Pode o feminismo pensar as mulheres e suas formas de poder, por exemplo?* Ao que respondo brevemente que assumir o *poder*-problema é sim uma pauta nossa, que enfrenta nossos modos de organização e que reagencia nossas capacidades. O enfrentamento do Estado vem em seguida. Não é algo que as mulheres e uma perspectiva feminista vão deixar de lado ou ao que vão se colar como solução última das mazelas do poder que se sobrepõe às nossas vidas. É preciso mover-se contra a instituição do que só provoca violência e nunca restitui. Mesmo que coloque a restituição na sua linha de direitos, como afirma Rita Segato na sua dúvida cínica sobre a aposta dos feminismos do norteglobal no Estado.²

² Segato, Rita. *La guerra contra las mujeres*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018. Ouça também “Pensar el feminismo – una conversación con Rita Segato y Raquel Gutiérrez”. Disponível em: <https://tinyurl.com/ybsmsf7c>. Acesso em: 24 de jan. De 2019.

Na atenção aos nossos modos de organização, precisamos sim criar espaços seguros para nos manifestar e redes próprias de produção e troca. Contudo, da mesma forma que o ‘trabalho duplo’ – analisar e destruir o patriarcado, e criar espaço para si – não tem duas faces, a relação entre auto-organização e estado não tem uma separação orgânica. São planos comuns, são planos de contaminação. Que pedem, antes, distinção. Discernibilização. Que formas então de poder (e organização) os feminismos querem afirmar? Que formas de poder queremos abortar?

Feminismo em si é algo transversal, constituído por saberes concretos. Ancestrais. (Re)cuperados, (re)feitos acessíveis. Corporalizados. Traficamos esses saberes de resistência entre nós. Feminismos que defendem a moradia, as biorregiões. Feminismos transversalizantes, entre territórios, classes, raças. Vale o feminismo se ele vai atravessando o tecido social, a partir de nossas corpos e das configurações relacionais, grupais, familiares e associativas que criamos. Para entender esse plano comum e essa perspectiva transversal é preciso abrir distinções, é preciso escrutinar. Evidente que há muitas perspectivas.

Em outros momentos pesquisei os feminismos a partir das noções de reprodução social e trabalho reprodutivo, a partir das economias do cuidado...³ Mas acho que nesse contexto em que se institui um posicionamento declaradamente misógino no poder-estado (e um infinito de atrocidades), se trata de endereçar mais a como responder a esta instituição. Pode ser que se trate de engajarmos mais a reprodução de si como movimento, a representatividade de um movimento, diante da representatividade do estado. E talvez seja sim o caso de negar este estado. O estado que dessa forma se impõe. Só que não, não abriremos mão de fortalecer as pretas – e as índias – no poder. A representatividade de mulheres pretas e pardas cresceu em 2018, mas, ainda assim, elas “terão apenas 2,5% das 513 cadeiras da Câmara dos Deputados”.⁴ Este sim é o estado queremos parir, pois o outro queremos abortar.

Na pesquisa-produção das passagens e das contaminações entre produzir a si, organizarnos e ocupar o estado, podemos imaginar conceitos em um arranjo dinâmico. A partir dos feminismos hispânicos, Amaya Pérez Orozco diz que “sim, estamos em trânsito”, e “é fundamental perguntar-nos coletiva e criticamente até onde queremos transitar”.⁵ *Movimento, representação, organização, estado. Feminismos*. Imagine essas palavras no espaço de sua vida, e a partir do seu corpo, com o que você sente mais intimidade. Onde você se localiza. Que relações a sua experiência estabelece entre eles? O que você, em sua experiência, se dedica a fomentar? A desdobrar, a intervir? Agora visualize o que é mais desconhecido, o que é mais difícil de imaginar, o que pede mais simulação. O que você em sua experiência percebe que se torna muito difícil de relacionar ou transpor? Daqui a pouco esses termos voltam para este texto-colagem. Ou se organizam em um grito-colagem (ou em uma palavra-grito, diria Artaud), ou... talvez passe pela sua janela agora um grupo que as conclama. Uma Slam-resistência! Uma EJA que partaja

³ Ribas, Cristina. “Infraestrutura: Maternidade / paternidade / economia do cuidado / trabalho” in Ribas, Cristina et al. *Vocabulário político para processos estéticos*. Recife/Rio de Janeiro: Ed. Aplicação e dos autores, 2014. Disponível em: <http://vocabpol.cristinaribas.org/infraestrutura/>. Acesso em: 24 de jan. de 2019 ; “Negar cuidado. cuidados reprodutivos e o cuidado como direito” in *Revista Mesa*, Instituto Mesa, 20 dez. 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/ybo2etyg>. Zechner, Manuela. “Subjetividade e coletividade: problemas de relação” in *Cadernos de Subjetividade*, 2010. Núcleo de Estudos da Subjetividade, PUC-SP.

⁴ Mazza, Luigi. “Mulher negra (não tão) presente: representatividade de mulheres pretas e pardas, maioria da população brasileira, cresceu 38% nas eleições; participação dos homens brancos é 15 vezes maior do que a das mulheres negras”. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/mulher-negra-nao-tao-presente/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

⁵ Orozco, Amaya Pérez. *Subversión feminista de la economía: aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida*. Madri: Traficantes de Sueños, 2014.

aprendizagens-protestos.

.Famílias bastardas

Nossos filhos nunca, se assumirmos nossa identidade, se sentirão ofendidos se forem chamados de filhos da puta. E um dia, que tenho certeza chegará, ser filho da puta haverá de ser um elogio e não uma ofensa (Gabriela Leite, puta, prostituta, socióloga, escritora).⁶

Ensaio anotações. Sou mulher. Duvido, contudo, da definição de gênero. Por isso digo gênero em passagem. Tenho uma filha. Mais alguns que não tive. Os filhos não paridos também nos ensinam sobre a sociedade heteropatriarcal, e sobre os filhos que levamos junto e as mães e mulheres que somos, em processo, em mutabilidade. E sobre as redes feministas de cuidado. 38 anos. Não posso pensar que é só a partir da casa que politizo a minha experiência mulher no mundo, mas a partir da casa em conflito e do fato de que esse conflito não se fecha na casa, mas é uma extensão da realidade social. A partir da mobilização dos feminismos como potência transformativa, e transversal, que se descola da determinação da minha própria vida (classe média, em um sentido) para a vida de outres. Coisa que, de novo, os feminismos vêm romper. Vêm romper a primazia do “pessoal é político”, esgarçando e expondo o binarismo que ela coloca. Transversalizando, vemos como o feminismo embaralha essa separação – e há muito mais que *fazer* para além do pessoal é político.

As famílias que apresentamos ao patriarcado não o agradam. E é talvez o próprio rompimento do fechamento prescrito à estrutura da família que inaugura novas redes, novas conexões. E é essa crítica à família que ainda assusta o poder conservador, visto que quebra a falácia dos abusos sistemáticos que a estrutura patriarcal acredita encobrir. Família e Deus são mantidos, contudo, na superfície, para ancorar de fato uma defesa mais profunda, mais invisível talvez – a da natureza e da ordem, como registros de poder e exploração. Bem por isso, romper com a família heteropatriarcal é também romper com a falsidade que se constrói sobre um modo de estruturar a sociedade. (Estatísticas de abuso infantil comprovam que 2/3 dos casos acontecem dentro das casas.) Como é que nos encontramos num tecido comum, mais complexo que as nossas casas, nossas relações interpessoais e nossos trabalhos? Parece que as redes de barriga, as redes das putas feministas, as redes de sororidade e apoio diversas, e as mais recentes redes de trabalho que associam e privilegiam mulheres e mulheres trans já nos ensinam por meio de suas pragmáticas sobre formas de reverter a alienação a qual querem nos regimentar. É hora dos feminismos aprenderem com as putas organizadas...

É preciso insistir que os feminismos vão muito além de uma liberação sexual da mulher (e da liberação do prazer por fora da reprodução), e que, portanto, poderiam ser colocados de novo no espaço doméstico e privado. É o rompimento com o espaço doméstico e a briga pela participação na esfera pública que despregam mais e mais as binarizações e hierarquias que nos imantam ao ambiente doméstico e a certos essencialismos do feminino. O evento traumático que foi para minha mãe se separar no meio dos anos 1980 não é tanto o que vivi nas minhas separações. E isso tem a ver sim com expor violências

⁶ Olivar, José Miguel Nieto. *Devir-puta: Políticas de prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

que antes ficavam soterradas sob a imagem de uma ‘família’. Tudo aquilo que poderia ser estranho, e foi estranho em nossas infâncias, a nossos corpos e às referências de relação interpessoal e à maternidade mesma vem sendo desvelado. A liberdade de falar de sexualidade na gravidez, por exemplo. Outro exemplo, a liberdade de falar de autocuidado e masturbação feminina (sem replicar sistemas punitivos como o do pão com leite condensado). Falo a partir de minha própria experiência, mas junto de muitas manas e suas crias.

Na maternidade ou na criação das crianças já viemos afirmando politicamente que não são só os pais biológicos aqueles que têm a delícia e a vinculação intensiva da responsabilidade do cuidado. E que é preciso estar atento aos poderes que reproduzem cada um desses atores no cuidado – pai e mãe –, visto que são papéis que podem reproduzir, dentro de casa, o poder do patriarcado. Nada de novo. Mas, e então, como reconfigurar? Isso também se mistura com a pesquisa sobre os feminismos e os modos de organizar e representar. Com nossos filhos homens? Sim, claro. Com homens, também! É preciso ser feminista lá onde parece que não é possível. Parece impossível, por exemplo, não levar uma perspectiva feminista para a ‘mesa’ de trabalho. Mas para algumas de nós é absolutamente impossível... Parece que vale o mesmo para aquela separação que se coloca entre a vida da mulher e a criança na maternidade. Me explico: não é a criança que separa a mulher do mundo, é o mundo na ordem patriarcal que não acolhe essa transformação. De forma semelhante, não são os feminismos separados do mundo, endógenos à vida das mulheres cis e trans, mas as concepções de mundo que achatam as singularidades e os rasgos que novas pragmáticas feministas vêm provocar.

É preciso ver e assumir o avesso, o bastardo. Os feminismos como algo bastardo, ordinário, no seu desenho de outros modos de estar e fazer mundo. E ver o amor como um amor radical, que extravasa as linhas genéticas e familialistas. Que tem uma experimentação de mundos, de subjetividades, de ancestralidades e bruxismos nos feminismos.

É preciso pesquisar a si. Colocar a si na linha de reinvenção. E levantar as referências que nos ancoram. Alguma insistência militante” pode constituir metodologias e caminhos para pesquisarmos a nós mesmas e nossas relações, de forma a buscar modificar as próprias condições de nossas vidas – e da vida em comum. Algo que se pode pensar como um militantismo em devir, que é o avesso de um militarismo. O Colectivo Situaciones, da Argentina, que escreveu um dos textos fundantes do conceito de ‘pesquisa militante’, fala que essa pesquisa modifica ‘posições’: “procura gerar capacidade para as lutas compreenderem a si mesmas, portanto, retomar e difundir os avanços e as produções de outras experiências”. Dizem: “ao contrário do militante político, para quem a política sempre passa pela política, o militante pesquisador é um personagem cheio de interrogações não saturadas de significados ideológicos e modelos sobre o mundo”.⁷

Na pesquisa militante de nossas próprias vidas já provocamos tanto estranhamento nas referências de subjetivação que nos foram passadas que vamos nos afastando daquilo que ainda oprime e assusta – o inconsciente de uma organização social normótica e patriarcal, cujos registros de poder e exploração são a mão pesada que segue controlando e apartando modos de vida de suas próprias linhas de invenção. Para pesquisar a si, e colocar a si na linha de invenção, é preciso olhar para o confuso-em-nós, o inominável-em-nós, a-perda-da-mulher-em-nós, e mais. Essas pulsões-estranhas-em-

⁷ Colectivo Situaciones. *Sobre el militante investigador*. 2003. Disponível em: <http://eipcp.net/transversal/0406/colectivosituaciones/es>. Acesso em: 24 de jan. de 2019.

nós precisam ter espaço, bastardizando a si... mesmas. Apontar para isso, para a incompletude dessa empreitada, também é feminismo. Que não está nem pode estar fechado em 'nossas redes'.

Aquele conflito produtivo com os que amamos já modificou nossas relações e a possibilidade de assumir isso também como ordem do dia, a possibilidade de politizar a vida de nossas filhas e filhos. (E mesmo as vidas dos que não tivemos, dos que não pudemos ter...) Falamos por elas e com elas e eles. Lutamos pela sua emancipação.⁸ Há algo comum – e bastardo – então nos feminismos que não é comum só às mulheres cisgêneras ou trans, elas mesmas, mas também às suas crianças, às suas configurações familiares genéticas e/ou afetivas. Comunitárias, coletivas. E que pede que se escute sim sobre a singularidade dessas vidas. A organização dessas vidas. Suas relações de produção, inclusive.

Essas perspectivas (e pragmáticas) modificam nossa percepção do mundo, nossa própria voz e corpo. Paul Preciado fala muito bem das mutações. Das experiências com o próprio corpo, não várias, mas de uma, aquela na “espinha dorsal” (poderia dizer Elis Regina) do próprio corpo e na espinha dorsal da sociedade. Paul que era Beatriz toma hormônios todos os dias, que mudam o seu corpo, e que, pode-se dizer, bastardizam o feminismo ele mesmo. E somos todos filhos bastardos, nos diz *Mujeres Creando*. Os sobrenomes hispânicos atestam isso. Sobrenomes hispânicos em almas e corpos indígenas.

Que é que desenha essa comunalidade bastarda? O que ela demanda da sociedade? O que ela solicita? Que desafios, reinvenções, mas também imobilidades, invisibilidades, silêncios, depressões, fugas, sujeições, desaparecimentos do mundo... para angariar forças a contrapelo do sistema heteropatriarcal – inaugurando ressurgências? Buceta na mesa. Esgarçada. Novas sexualidades, suas, outras, comunalidades. Mas também comunalidades ancestrais. Economias feministas. Pedagogias feministas. Putas que partejam. Redes de cuidado.

.Abortar o Estado: bloqueios, e o intolerável em nós

As eleições de 2018 confirmam o aumento assustador de partidos de ultradireita no poder. Uma nova direita. A instituição, um pouco bastante mais da bancada BBB – bíblia, bala, boi. Com #eles (que também são elas no poder) é como se freássemos (em sentido de recuo) uma aposta. Naquele diagrama de conceitos entre representatividade e movimento que abandonei mais para cima no texto, se não fosse a ultradireita, essa direita do leite condensado, é como se houvesse a possibilidade de uma fluidez maior, de uma relação em si. Trajetória micropolítica de vários devires. É portanto todo o corpo de resistência que, na sua individualidade e na sua coletividade, se reconfigura. Como um recuo do desejo. Visto que, eleitos fossem outras e outros, *aquele* desejo projetava um *lá* possível. Passagem mais aberta e mais fluida entre organização e estado. Parece que seria possível recuperar um desejo (ao mesmo tempo extremamente frustrado e lúcido) em sua potência de vir a ser – política.

Mas... elas também foram eleitas. Mulheres negras, mulheres trans. Mulheres deputadas indígenas. Corpo de batalha 'lá dentro' da máquina macropolítica. No embate contra o fascista de gravata, de gabinete, na plenária, no corredor. Resistência em seus corpos de outras cores. Diante da macheza e do preconceito intragáveis, cuja relação é apenas de

⁸ Preciado, Paul. *Quem defende a criança queer?* Tradução de Fernanda Nogueira. Disponível em: <http://desarquivo.org/node/1704>. Acesso em: 24 de jan. de 2019.

extrema oposição, que já se concretiza e não para de se anunciar. Me lembro de Talíria Petrone, eleita deputada federal em 2018, chorando, irada, no dia seguinte ao assassinato de Marielle Franco, narrando a dureza de enfrentar o poder heteropatriarcal lá naquele lugar de que ele se julga dono, e onde mulher preta e mulher indígena não podem existir. Opressão institucionalizada.⁹ Para isso é preciso, para além de organizar feminismos, bastardizar, abortar estados heteropatriarcais, semear outros. Contra o macrofascismo dos corpos, e dos corpos que julgam qualquer modo de vida diferente do seu provocando um achatamento das singularidades e replicando sujeitos privados da capacidade de diferir. Estado e militarismo que (retornam) a um modo. Estado e violação. Estado que não cuida, e que, antes, criminaliza. Que recrimina a mulher e seu direito de posicionamento contra o estado tutelar e violador.

No contexto espanhol, por outro lado, a emergência dos feminismos nas novas plataformas políticas foi um dos aspectos mais transformadores da ocupação do estado, que permitiu e segue permitindo a transformação da macropolítica de um governo historicamente colonialista e corrupto – de governo da austeridade para um governo de direitos.¹⁰ Não que a peleja lá esteja resolvida. Muito pelo contrário.

O cenário da ‘crise’ (econômica, política...) que reinstala a alienação e a individualidade instala também a ordem do salve-se quem puder, deixando-nos impotentes. E esse é um campo de ação. Tal como as escutadeiras e escutadeiros, e conversadeiras várias que apareceram no ciclo entre os turnos eleitorais para instituir o vira-voto. Diante da instituição da crise e agora da instituição do pão com leite condensado heteropatriarcal, é preciso, é urgente reinstaurar capacidades. Marcia Tiburi escreve que “o ódio ao outro cresce em uma sociedade em que está em jogo também o extermínio da política”; e que “a aniquilação da política é a aniquilação do social que precisa ser introjetada pela pessoa concreta, ela mesma cancelada como ser social”.¹¹ A decomposição das diversas capacidades, inclusive a de nos tramarmos coletiva e socialmente, produzindo política, é sem dúvida um dos objetivos do heteropatriarcado no poder. Diante disso, é preciso reinstaurar os valores que são motores da vida. Rita Segato diz que é preciso produzir retóricas de valor para o que, sim, já temos. Já temos entre nós. #Mexeucumamexeucumtodas

Como o movimento se reproduz é uma pergunta crucial feita por Silvia Federici, a partir de sua perspectiva feminista. Diante da paralisia de “Mas, e o que fazer? Por onde?”, a atenção aos modos de reprodução endereça a extrema urgência de organizar-nos – mais e mais. Quem, onde e como, claro, escuro. “O que fazer? Organizarmos.” Foi a organização que levou as pretas ao poder. Nos reproduzimos, como movimento, inventando modos de organização... em microescala, atravessando aquela aparente limitação “o pessoal é político”, para aportar formas mais coletivas. Grupais, sociais, comunitárias, autogestionadas. Como organização digo organização política e com atenção micropolítica: não se trata de reproduzir modos fixados, de cartilha, hierárquicos, mas de aprender de outros grupos, ocupações e movimentos, das lutas raciais, das redes de saúde mental, das prostitutas, das gráficas feministas, das redes trans e queer. Trata-se de manter a atenção na micropolítica das relações, dos desejos, das capacidades que emergem das perspectivas feministas transversais. Os feminismos vêm falando disso, e

⁹ Bernardes, Aline. “O movimento negro resiste para ocupar os lugares institucionais”, diz Talíria Petrone. in *Alma Preta*. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/o-movimento-negro-resiste-para-ocupar-oslugares-institucionais-diz-taliria-petrone>. Acesso em: 5 nov. 2018.

¹⁰ “La apuesta del gobierno feminista en el Ayuntamiento de Barcelona”, com Gala Pin e Laia Forné. Disponível em: https://youtu.be/RpTnM04p_gI. Acesso em: 24 de jan. de 2019.

¹¹ Tiburi, Marcia. *Como conversar com um fascista*. Rio de Janeiro: Record, 2015, p. 32.

há muito.

Há algo que emerge abruptamente e que torna evidente a intolerância do poder heteropatriarcal. É que não nos saem de cima. Intolerável em nós a emergência da sua opressão, intolerável o que expressa sobre a força de nossas vidas – diante do que era intolerável para eles – a emergência de uma mulher negra, lésbica, favelada – na política. Na política que destituía seus poderes corruptos. O intolerável para eles leva, contudo, ao assassinato. Ao assassinato de Marielle Franco. Como dar voz e vez ao intolerável em nós? Como dar corpo a nossas emergências? Textos encontrados enunciados improvisações estratégias modos que façam emergir nossas anonimidades, nossos animismos, nossas comunidades, uma concatenação de palavras e passagens, esse lugar mesmo, esse lugar de produzir, sem receio, o que chamo aqui de um *feminismo tardio*, e/ou de um *feminismo bastardo*. Um feminismo antifascista. Não, não a autoafirmação das redes privilegiadas dos coletivos brancos e coloridos, mas também. Não, não a autoprecarização do trabalhar menos para podermos cuidar de nossas filhas, mas também. Não, não delegar às mulheres já organizadas que organizem também a vida de outras, privilegiadas. É preciso organizar a si no movimento. É preciso sinalizar, e bem: algumas de nós organizam porque precisam, por necessidade, outras organizam porque lhes convém. Sem dicotomizar, para não nos congelarmos, é preciso apostar nas passagens.

É preciso agarrar pautas concretas, é preciso virar as pautas que eles confundem. E é preciso abortar o estado de nossas corpos. A proibição e a criminalização do aborto, por exemplo, são tomadas como uma das principais bandeiras da direita conservadora do Brasil, como se o aborto fosse a negação máxima do cuidar. E como se fossem o estado e a igreja aqueles a prover a tutela mais segura e mais eficaz sobre essas vidas. Nesse assunto, as vidas a serem cuidadas, dizemos, devem ser as vidas das mulheres. *Nosotras decidimos*. Nós decidimos. A defesa da vida para o conservador é uma. A defesa da vida para as lutas feministas é outra – é a vida com autonomia de autogoverno. A vida sem tutela, a vida sem captura de seu valor. A evidência do valor da vida não é algo que uma perspectiva feminista vá deixar para o conservador e a conservadora, para o neofascista governar – e regimentar.

Retomando Amaya Pérez Orozco, feminista espanhola citada acima, ela diz que “a primeira suposição é que a vida é vulnerável e precária e que esta condição humana básica deve ser resolvida em comum, na interdependência”.¹² E cita Zygmunt Bauman quando ele diz que se deve medir a qualidade da sociedade pela qualidade de vida dos mais vulneráveis. Com essa perspectiva, é possível afirmar que é das redes elas mesmas, é do movimento na sua relação mais interpessoal e mais proximal que se podem projetar direitos, leis, cuidados a serem instituídos. Lutar pelos direitos já adquiridos, de que não vamos abrir mão. É preciso apostar na *ação e na criação* de relações, de estratégias, de parcerias, de instituições, entre outros. Incansavelmente sim. Mas também criando espaço para descansar. Para fortalecer as amizades. Os afetos não fascistas. E diante dessas redes fortes (e também precárias), que entendem o valor da vida como proliferação das linhas vitais, vale, portanto, para o estado heropatriarcal que se impõe o mesmo que se diz sobre o direito ao aborto – é preciso abortar o estado heteropatriarcal de nossas corpos. E gestar aquele estado da política preta, afro-indígena e trans, que é capaz de parir corpos livres.

¹² Orozco, Amaya Pérez. *Subversión feminista de la economía: aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2014.